



Introdução

Quando solicitado pelo Grupo Identidade da EST para falar um pouco da história de Angola e fazer um breve relatório sobre a religião na época da independência de Angola com o primeiro presidente (1961-1979), o Dr. António Agostinho Neto, hesitei em me pronunciar pelo fato de estar fora de Angola há nove anos, vivendo em território brasileiro. Repensei e, com muito cuidado, aceitei o desafio de falar da minha sempre amada pátria. Ser angolano é acima de tudo honrar a pátria, fazer juramento de fidelidade à pátria, honrar o presidente, lutar pela pátria, dar a vida pela pátria, combater os novos invasores e os inimigos do povo e da nação angolana. É honrar a bandeira da nação, honrar o Movimento

de Libertação de Angola (MPLA) e o imortal combatente da nação angolana, o Dr. António Agostinho Neto.

No período da independência, ser angolano era ter de "cantar" viva António Agostinho Neto... Viva, viva a O MPLA Partido do Trabalho... viva, viva a OMA (Organização da Mulher Angolana) viva, viva a OPA (Organização do Pioneiro Angolano) viva, viva a JMPLA (Juventude do Movimento para Libertação de Angola), viva. Abaixo o colonialismo... abaixo, abaixo os invasores... abaixo, abaixo os inimigos do povo angolano... abaixo; de Cabinda ao Cunene um só povo... uma só nação... a luta continua e a vitória é certa. Ser angolano era ser criado em uma filosofia, patriarcal, machista, marxista-leninista, humanista, que sabe "respeitar" seus políticos, seus costumes e sua cultura assim obrigava a ser o partido no poder.

Ser angolano é saber falar a língua "paterna" e "materna";

ser angolano é saber respeitar os mais velhos (avô, tio, tia) e os "sobas" (chefes de tribos);

ser angolano é lutar pela reconciliação nacional e pela paz da nação;

ser angolano é ser aquele que lhe foi

negada sua história, torturado pela guerra, pela fome, pela pobreza, pela miséria, pela sede e pela escravidão; ser angolano é ser mutilado de um pé, de um braço; ser angolano é ser órfão do pai e da mãe; ser angolano é viver sem um habitat; ser angolano é ser refugiado; ser angolano é ser esquecido pelo muito patriotismo.

Entre muitos paradoxos e contradições do ser angolano, o bom filho à casa retorna. Meu desejo é que muitos outros angolanos espalhados por este universo, fugindo da miséria do país, possam retornar à casa, para junto daqueles que ali ficaram firme, combatendo corajosamente pela pátria, que finalmente agora Angola vive em clima de reconstrução nacional, porque homens, mulheres e crianças alcançaram com júbilo a tão desejada paz. É neste espírito que nada mais justo do que darmos nossa contribuição à estabilidade da reconstrução nacional do país, junto dos nossos antigos e sofridos combatentes irmãos, a fim de lutarmos por uma nação mais justa, de igualdades, de justiça, de amor, de fraternidade, de educação para todos, lutarmos por uma Angola democrática e de eleições presidenciais justas e livres, sem constranger a qualquer cidadão na opção de seu voto. De Cabinda ao Cunene um só povo e uma só nação, a luta continua e a vitória é certa.

Apresentação do país

Nome oficial: República de Angola

Capital: Luanda (4.000.000 de habitantes)

Localização: A República de Angola situa-se na costa ocidental do Continente Africano na sua parte austral, entre os paralelos 4'22 e 24'05'.

Fronteiras:

Norte: República do Congo e República Democrática do Congo

Leste: República Democrática do Congo e República da Zâmbia

Sul: República da Namíbia

Oeste: Oceano Atlântico

Superfície: 1.246.700 km²

Fronteira terrestre: 4.837 km

Fronteira marítima: 1.650 km

Clima: O clima é equatorial em Cabinda, tropical seco no norte e desértico no sul.

Angola tem duas estações: a das chuvas e a do cacimbo.

A do cacimbo ou seca é menos quente e vai de maio a setembro.

A das chuvas, mais quente, normalmente dura de setembro a maio.

Temperaturas médias: 27°C (máxima) e 17°C (mínima)

População: 12.000.000 habitantes

Composição por sexo: masculino: 49,3% e feminino: 50,7%

Densidade demográfica: 8,3 hab/km².

População urbana: 32% (1995)

Médicos por habitante: 1 por 15.109

Esperança de vida à nascença: 45 anos (homens) e 48 anos (mulheres)

Mortalidade infantil: antes dos 5 anos: 209

Línguas:

Língua oficial: Português

Principais línguas nacionais:

Umbundo, Kimbundo, Kikongo, Fiote, Tchokwe, N'ganguela e Kunhama.

Idade média: 19 anos

Unidade Monetária: Kwanza
Reajustado: USD 1,280.270 KzR

Analfabetismo: 60%

Breve síntese histórica

Angola sofreu 500 anos de colonização portuguesa (1482-1975).

Foram 14 anos de luta de libertação nacional (1961-1975), dirigida pelo Dr. e poeta António Agostinho Neto (primeiro presidente de Angola).

Em 1922 nasce aquele que um dia seria o presidente de Angola, às 5 horas do dia 17 de setembro, em Kaxicane, freguesia de S. José, concelho de Icolo e Bengo, Distrito de Luanda, filho de Agostinho Pedro Neto, catequista da missão americana em Luanda, sendo mais tarde pastor e professor nos Dembos, e de Maria da Silva Neto, professora.

1947 - Surge o grupo que atua sob o lema "Vamos Descobrir Angola", que dá origem ao Movimento dos Jovens

Intelectuais de Angola, do qual Agostinho Neto foi elemento integrante, embora vivendo em Portugal.

Em 10 de dezembro funda-se o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

1961 - Em 4 de fevereiro é desencadeada a luta armada pelo MPLA.

Em 11 de novembro, Agostinho Neto proclama a independência de Angola.

A religião no governo de Agostinho Neto

No governo de Agostinho Neto (MPLA), a religião não se fazia sentir. É nesta época que o país adotou o sistema de governo marxista-leninista; por influência da ex-URSS (hoje Rússia), Cuba e "China", o país viveu muitos anos com esse regime. Foi uma época em que as igrejas não poderiam denunciar ou fazer qualquer tipo de discurso que comprometesse a filosofia do governo no poder (MPLA). Poucas igrejas eram reconhecidas pelo governo. A única que se destaca é a Igreja Católica Romana. Era proibido nas escolas qualquer tipo de ensino religioso. Eram perseguidos até a morte indivíduos que desacatassem os ideais do MPLA. Para se ter uma idéia, no dia 27 de maio de 1977, foram mortos mais de 30 mil angolanos, por mandato do presidente (Agostinho Neto), entres eles, pessoas de altos escalões políticos, como Nito Alves, Saydi Mingas, Hélder Neto, assim como

alguns músicos de renome, Urbano de Castro, Artur Nunes e o politizado Davi Zé, que eram favoráveis à política de Agostinho Neto, mas foram acusados de cumplicidade em dar golpe de Estado. Os luandenses, como a Nação de modo geral, lamentaram profundamente as mortes de grandes heróis e combatentes que lutaram firmemente contra o regime colonialista (português). O ateísmo também era forte em Luanda. A maior parte dos intelectuais se concentrava em Luanda. Os formadores de opinião eram poucos intelectuais e adeptos do marxismo-leninismo. Os intelectuais eram partidários do MPLA. Estima-se que não passavam de 200 angolanos que tinham o ensino superior. Os intelectuais luandenses eram todos influenciados pelo marxismo, céticos e patriotas. O espírito marxista-leninista era muito forte em Luanda, de modo que falar sobre Deus era um risco. Não havia gráfica que aceitasse publicar qualquer tipo de literatura cristã, aliás, todos os veículos de informações, a começar com a RNA (Rádio Nacional de Angola), TPA (Televisão Popular de Angola), entre outros, são do governo e as notícias são devidamente filtradas. Segundo a doutrina marxista-leninista, o governo exerce o controle absoluto sobre todas as instituições estatais. Nesse tempo não havia teólogo de expressão que assumisse seu papel, que combatesse o ateísmo, ceticismo ou qualquer violação

dos direitos humanos.

Os cristãos viviam com muito medo, e muitos ficavam no anonimato. Os pastores da mesma forma preferiam ficar também no anonimato, porque às vezes, nos cultos de celebração ao Senhor, havia espíões do governo disfarçados como cristãos, e faziam relatórios sobre a pessoa do pastor e da instituição.

A política e a religião depois de Agostinho Neto

Com a morte de Agostinho Neto, em 1979, José Eduardo dos Santos é proclamado presidente. Em 1991 o MPLA e a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) firmam um acordo de paz em Bicesse (Portugal) e convocam as primeiras eleições do país.

Embora havendo conflitos políticos, Angola hoje vive a sua sonhada paz. O país vive ainda os resquícios do marxismo. Todavia, louvamos a Deus, porque no governo do segundo presidente as igrejas evangélicas crescem assustadoramente. Segundo o deputado França Van-Dúnem, da bancada do MPLA, a guerra civil em Angola não teve conotações religiosas, e existem cerca de 100 confissões religiosas reconhecidas pelo governo e muitas outras aguardando a oficialização (Revista Angola-Hoje, maio/junho de 2004, p. 13). Segundo dados percentuais de 2000: o

cristianismo - 70,1%; as religiões tribais - 29,9%. Uma das igrejas que mais cresce em Luanda, é a Assembléia de Deus Pentecostal. A Assembléia de Deus do centro da capital, situada no bairro do Maculusso, cidade nobre, hoje é umas das maiores igrejas na capital em termos de membros, tendo aproximadamente 10 mil pessoas nos cultos de domingo, realizado em cinco sessões.

O povo angolano é um povo muito alegre, sedento das verdades bíblicas. Cresce o número de pessoas que procuram igrejas evangélicas, abandonando as religiões tribais (tradicionais). Podemos, com isso, ter noção do crescimento da fé, depois de um longo período de filosofia marxista-leninista, período este que intimidou, por muito tempo, a fé dos angolanos em Cristo Jesus.

Angola está em pleno apaziguamento dos barulhos bélicos, os políticos e o povo estão empenhados no desenvolvimento de uma nova nação, verdadeiramente democrática, de liberdade de expressão, apagando todas as mazelas marcadas por um passado macabro, fazendo desaparecer todos os resquícios do marxismo-leninismo, avançando na economia, na reconciliação nacional, preparando a nação para as próximas eleições presidenciais, em 2006, pelas quais todos os angolanos esperam ansiosamente.

Não posso fechar os olhos pela

bravura, diplomacia e determinação do ex-presidente Agostinho Neto, que lutou e defendeu as causas do povo angolano, culminando com a independência de Angola. O povo angolano é grato pelo seu patriotismo. Mas também o povo angolano jamais esquecerá as atrocidades de 30 mil angolanos executados pelo mandato de Agostinho Neto. Como teólogo, intelectual e cidadão angolano, manifesto a minha indignação à política totalitária e opressora de Neto. Sou co-solidário dos 30 mil mortos, entre eles, eu também me considero...

Viva o povo angolano! Viva a paz em Angola.

Referências bibliográficas

- Revista Angola-Hoje, v. 3, p. 13, maio/junho de 2004
Zero Hora, 12 nov. 2000, p. 34.
Zero Hora, 6 nov. 1999, p. 4.
Centro de Cultura AgostinhoNet-2003.<http://www.cc-agostinhoneto.com/biografia.htm>.
Acesso: 20 dez. 2004.

Nota

- 1 Pedro Paulo Ramos Ventura, angolano (África). Formado em teologia pastoral no Seminário Betânia (CETRMIB) de Camaquã RS. Atualmente teólogo, intelectual e pastor interino dos jovens da Igreja Presbiteriana de imigrantes Chineses de Taiwan, em Porto Alegre e membro do grupo Identidade da (EST) e da Igreja de Confissão Luterana (IECLB).